

## **BURITY : UM NÃO POLITICO DIANTE DO ESPELHO**

José Octávio de Arruda Mello(\*)

Sumário : 1.1. Burity e os princípios de Duverger. 1.2. De Burity a Azaña e Oswaldo Trigueiro. 1.3. Classe média e populismo atípico. 1.4. Vitalização da capital e antipartidarismo. 1.5. Uniformidade e unanimidade na cultura. 1.6. Algumas contingências “de alma forte e coração sereno”.

(\*) Historiador paraibano, integrante dos Institutos Históricos e Geográficos Paraibano e Brasileiro, bem como da Academia Paraibana de Letras. Professor aposentado da UFPB e visitante dos UNIPÊ e UEPB. Autor de Sociedade e Poder Político no Nordeste – O caso da Paraíba, 2001 e História da Paraíba – Lutas e Resistência, 8ª ed. 2003.

Buritty, você já se olhou no espelho ? – O que é você, afinal : um misto de político e intelectual ou apenas intelectual ? – E se essa última é a verdadeira condição, por que não se dedicar inteiramente à cultura ?

Tais perguntas, assim encadeadas, foram endereçadas no terraço de sua casa de praia, na presença das duas esposas. Glauce, cordial como sempre, e Amável, que me segurava o braço.

Tínhamos procurado o também consagrado internacionalista para solidariedade ante a derrota para o senado, em 1998. Ciente dos comentários que emitíramos na emissora de Walter Santos, S. Excelência recebeu-nos descontraído, em razão do que a palestra evoluiu para tema da predileção de Burity – a política!

Não a política miúda das cavações e questiúnculas em que não se sentia à vontade, embora, por circunstâncias, nela por vezes se engajasse, mas a chamada alta política em que nos encontrávamos. Ele, com doutorado por Universidades francesas, e eu favorecido pela convivência com Hélio Jaguaribe, José Honório Rodrigues, Vamireh Chacon e Cândido Mendes – todos autores de sua predileção!

1.1 Burity e os princípios de Duverger - Firme, como sempre, nas opiniões, Burity sustentava que eu exagerava na admiração pelos filósofo Alain e líder político Pierre Mendes France, ambos franceses, mas que não errava em ressaltar Maurice Duverger. Isso quando anunciei que obrigava meus alunos de Ciência Política a ler por inteiro a este último.

Foi então que, num rasgo de sinceridade, observei que, em sua prática, Burity afastava-se do autor de Os Partidos Políticos ( 4ª ed., 1957 ). Isto porque, para o politólogo francês, as idéias e o preparo intelectual, de que Burity era pródigo, constituem apenas o primeiro momento de trajetória política que se consagra, na organização das células, seções e comitês dos partidos da predileção de cada um.

Noutras palavras, ninguém é político pelas qualidades pessoais. Da mesma forma – o que os analistas brasileiros freqüentemente escondem – uma agremiação política não se recomenda pela ideologia – fundamental apenas para sua constituição – mas pela estrutura por meio da qual opera.

A questão veio à baila porque, quando da primeira candidatura ao Senado, Burity infringiu todas as normas da Ciência Política que professava. Candidato, não tinha partido, quando o presidente do PPB lhe retirou o suporte da legenda. Político, não se dispôs a mobilizar fundos para a campanha, setor em que seu suplente, Manuel Gaudêncio, ficou isolado. E ainda por cima,

comportamento que repetiria na eleição seguinte – pretextando estado de saúde não realizou campanha ...

Quando levantei a questão, terminei com uma blague:

-Como muitos paraibanos, Governador, votei no senhor, mas terminei até torcendo contra, porque se a vitória lhe sorrisse, todas as regras da Ciência Política estariam subvertidas...

1.2. De Burity a Azaña e Oswaldo Trigueiro – A conversa, acima reproduzida, evidencia característica do falecido Governador Tarcísio Burity que salta à vista. Intelectual do melhor nível, como cientista político, internacionalista, Filósofo do Direito, poliglota e até compositor musical, T. Virgilius, ou melhor, T. Burity, não era um político strictu sensu. Salvo se o considerarmos como “intelectual levado à política pelas circunstâncias”, talqualmente sugerido por Josué Sylvestre, como a maior expressão da nova Historiografia campinense.

Nesse sentido, ao recusar-se a enveredar pelo varejo político, que impõe ao candidato compor-se com as chefias partidárias, negociar uma sigla, mobilizar recursos e sair à cata de votos, Burity revelava a verdadeira face. Tal, a de um intelectual que, imune às seduções do poder, continuou intelectual.

Sob esse aspecto, ele se assemelhava, como o sustentei em março de 1987, por A União, a don Manuel Azaña, o admirável humanista espanhol em cujas mãos feneceu a República de expoentes como Fernando de Los Rios, Julián Zugazagoitia, Salvador de Madariaga e Luiz Jimenez de Azúa. Azaña [Burity], como escreveu Manuel Aragón, “com sua solidão, orgulho, hipersensibilidade e melancolia”.

Em plena Guerra Civil, Azaña não só eremitava pelos conventos da Catalunha sobre os quais escrevera o emblemático El Jardin de Los Fraillles (1898 -?), como produzia um dos mais altos momentos da literatura universal que é a criação teatral La Velada em Benicarló, (1974). Essa foi escrita em três semanas durante as quais a Guerra Civil crepitava dentro da Guerra Clvil, em face do levante anarquista de maio de 1937, em Barcelona, contra o governo republicano. A guerra civil rugindo lá fóra e o Presidente da República, dentro do Palácio, escrevendo peças...

Burity se não chegou a tanto, manteve-se como intelectual na política que não relaxava a pesquisa filosófica, a leitura refinada, a audiência de clássicos da música – em tudo, por tudo, seu forte.

Nesse particular, aproximou-se de Barbosa Lima Sobrinho, que aproveitou passagem pelo Governo de Pernambuco para estudar os antigos limites de Pernambuco com a Bahia, em monografia sobre a Comarca de São Francisco, e reeditar a praieira revista O Progresso, em colaboração com o historiador Amaro Quintas. Sob esse ângulo, outras semelhanças burityzistas resultariam com os

governadores Agamenon Magalhães e Arnon de Melo que, também professores, escreviam os editoriais de seus jornais – e sem goshwriters. Ou com o paulista Franco Montoro que prolongava as audiências do diretor do arquivo público, com os problemas administrativos clamando do lado de fora.

Na Paraíba, a identificação de Burity sobreveio com Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Melo que, governador de 1947 a 50, não relaxou a colaboração em revistas estrangeiras, escrevendo, ainda, ele próprio, para A União, os artigos que fulminaram as pretensões parlamentaristas do deputado João Lélis.

### 1.3 Classe média e populismo atípico – E José Américo de Almeida?

Tido como seu discípulo, Burity dele herdou não apenas vocação intelectual desviada para a política mas o espaço deste, ou seja, classemedismo que, proveniente do antioligasquismo de João Pessoa, progrediu na seqüência José Américo - João Agripino – Antônio Mariz – Tarcisio Burity.

Em entrevistas que chegam a evocar passagens de Hélio Jaguaribe, Burity alardeava residir na classe média a chave do equilíbrio político.

O tipo de público presente à Igreja do Carmo, no velório de 9 de junho de 2003, revelou contudo outra dimensão. Sem deixar de se preocupar com os estratos intermediários da vivenciação cotidiana, Burity aproximou-se do povo, o que explica as pungentes cenas de despedidas a seu esquife, por mulheres mais humildes. E ainda as exatas palavras do ex-auxiliar Sales Gaudêncio: “ele buscava a valorização da pessoa humana”.

De que forma, porem ? Na conversa do terraço de sua casa, anos atrás, arrisquei-me a obtemperar que, algo soberbo, Burity infringia outra regra da política, ao desmerecer a categoria de que fazia parte e que, não raro, desmerecia.

Lances de suas despedidas ensejaram-me outra interpretação. O distanciamento buritizista de deputados, prefeitos e vereadores, cortejados por outras lideranças, não provinha da área existencial por constituir estratégia de comportamento político. Consciente de que a elite política repartia-se entre a clientela e o fisiologismo, o antigo chefe de gabinete da UFPB buscou no contato pessoal com os necessitados a ampliação de seu espaço de poder.

Isso foi conseguido. Evoluindo do plano cartorial-burocrático, decorrente de indicação pelo sistema militar para o Governo do Estado, quando a resistência do deputado Antônio Mariz, legitimou-lhe a eleição indireta de 1978, - Burity fixou-se em verdadeiro populismo atípico. Nesse particular, mesmo não populista, recorreu a técnicas deste, pelo contato direto com os professores do ensino médio, durante as greves da categoria, mutuários da CEHAP, religiosos da teologia da libertação, emergenciados da seca, camponeses de Alagamar e até os desportistas de Assis Camelo e Juracy Pedro Gomes...

1.4. Vitalização da Capital e Antipartidarismo - Em nosso modo de ver, essa inflexão, atipicamente populista, gerou dois desdobramentos.

Em primeiro lugar, por duas vezes Governador do Estado, voltou-se para João Pessoa onde a grande massa de funcionários se proletarizava, decaindo da classe média para a periferia, e oferecendo, pois base de massas, a quem se deslocasse da primeira para a segunda.

Nesse ponto, Wills Leal chamou-me a atenção para as realizações do buritizismo em Espaço Cultural, modernização do aeroporto, urbanização de Intermares , conclusão das entradas do Sanhauá, conjuntos de funcionários, mercado de artesanato, adutora de Gramame e casas populares. Graças a isso, Burity assemelhou-se a Governadores como Argemiro de Figueiredo, José Américo e João Agripino e Prefeitos Walfredo Guedes Pereira e Luiz de Oliveira Lima.

O contato direto de Burity com os beneficiários dessas obras gerou outra consequência que foi o antipartidarismo. Este, anotado por Afonso Arinos, como uma das características da elite política brasileira, fez com que Tarcísio não só transitasse por quase todos os partidos na Paraíba – ARENA, PDS, PFL, PTB, PMDB, PL, PRN, PPB e novamente PMDB – como dispensasse a intermediação dos companheiros.

Tal tornou-se claro em 1987 quando, eleito pelo PMDB, o então Governador não hesitou em recorrer à legenda alternativa do PL.

Como a sociedade brasileira se encontrava saindo da camisa de força do autoritarismo, Burity terminou levitando, pela incapacidade de conviver com estruturas não mais subordinadas ao centralismo dos militares – néo populistas com Figueiredo – mas pluralistas e participativas. Seu permanente desencontro com o PMDB de Humberto Lucena, os Cunha Lima, Antônio Mariz e José Maranhão, entre 1987 e 1990, proveio daí.

1.5. Uniformidade e unidade na cultura - Quando, no início destas notas, recordamos nossas cruciais perguntas a Tarcísio Burity, significávamos que, pleno de paradoxos no segmento político, restava-lhe a via cultural de sua predileção.

Não por acaso foi nessa que S. Excelência consagrou-se. Aí a unanimidade decorreu de uniformidade de comportamento sempre voltado para as artes e as letras, na Secretaria de Educação e Cultura, nas duas administrações governamentais, na Câmara Federal, e ainda nas Universidades Federal e do UNIPÊ, sem falar na Fundação Joaquim Nabuco a cujo seminário de Tropicologia se integrou.

O grande historiador suíço Jacob Burckhardt alardeou nas Reflexões sobre a História (1961) que a política e a religião separam, enquanto a cultura une. Tal o ocorrido com Burity. Na medida em que confessava a Manuel Gaudêncio e

Marcone Góes que “a política acabou comigo” – assertiva com que não concordamos mas reflete a visceral desconfiança de S. Excelência para com a atividade a que, paradoxalmente, deveu a projeção maior – restou-lhe a cultura por conta da qual terminou homenageado por todos.

É aí que S. Excelência, cuja liderança política havia esmaecido, fará falta. Gonzaga Rodriguez foi preciso quando observou, em crônica para O NORTE, que , nesse campo, alguém haverá de continuar seu trabalho. Isto porque, o que mais fica de Burity é o legado de realizações culturais quase sem equivalência em nossa História.

Nesse particular, Festivais de Arte de Areia e Seminários Paraibanos Cultura Brasileira (SPCBS), graças aos quais a Paraíba conviveu com alguns dos maiores nomes da cultura brasileira. Os seminários de Filosofia de Direito de seu amigo Miguel Reale onde o viés se transferiu para o plano internacional. Os festivais de violoncelo de Aldo Parisot, graças aos quais passamos a sediar oficina de lufferia. A otimização da orquestra sinfônica, convertida em uma das melhores do país e regida por maestros da estirpe de José Siqueira e Eleazar de Carvalho. As sucessivas reformas do Teatro Santa Rosa. A programação editorial por que sempre se bateu. A implantação da Casa de José Américo, a edificação do Espaço Cultural e, acima de tudo, a restauração do conjunto barroco de São Francisco, a que iniciou como secretário, prosseguiu como Governador no Burity I e concluiu no Burity II , constituem acervo destinado a atravessar os tempos.

Observe-se que a quase totalidade desses empreendimentos localizou-se em João Pessoa, onde foi dele que partiu a mais importante iniciativa cultural dos últimos trinta anos. Referimo-nos à restauração do Centro Histórico, viabilizada por iniciativa do Ministro da Cultura Celso Furtado, prontamente calçada por Burity. Foi daí que resultou convênio Brasil/Espanha, de tantos frutos, e presentemente continuado pela administração Cássio Cunha Lima.

Aí, outra contradição dessa personalidade de tantos paradoxos que é Tarcísio Burity. Indiscutível benfeitor da capital, nos planos urbanístico e cultural, foi por ela recusado nas vezes em que se candidatou ao Senado. Seus maiores êxitos sobrevieram, então, em Sousa, Vales do Piancó e Curimataú e região de Princesa Isabel, sendo derrotado em João Pessoa e Campina Grande, apesar de, nesta última, haver estadualizado a URN, convertida em UEPB. Isso apesar de, fora do Governo, procurar continuar algumas de suas iniciativas culturais. O exemplo sobrevem com o seminário de Filosofia de Direito, por ele transferido para a órbita do UNIPÊ do Reitorado Marcos Trindade...

Para alguns observadores, a recusa do eleitorado pessoense a seu nome se deveu a vicissitudes do segundo Governo onde não conseguiu aprovar na Assembléia empréstimo do que resultou atraso do funcionalismo em vários meses. Trata-se, porém, do lado formal. No essencial, as dificuldades eleitorais de Burity, na capital – cujo eleitorado, demasiado exigente, distingue-se pelo oposicionismo – decorria da incapacidade de nela estabelecer microfísica do poder. Ou seja,

cultivar teia de cabos eleitorais e militantes partidários equivalente àquela com que conta(ra)m Ruy Carneiro, Pedro Gondim, Robson Espínola, Wilson Braga e o petista Ricardo Coutinho.

Noutras palavras, era nesse ponto que o homem de pensamento Tarcísio Burity mais se distinguia do político. Enquanto no primeiro caso, S. Excelência. partilhava das ações com familiares, amigos e assessores, no campo político Burity que era, acima de tudo, ele próprio, não se dispunha a fazer o mesmo com os companheiros de partido. Seguramente por isso, S. Excelência não deixa herdeiros políticos mas exemplo, mais situado no campo cultural que partidário.

1.6. Algumas contingências “de alma forte e coração sereno” – A razão, sob essa prisma, encontra-se com o jornalista Walter Santos. Responsável por avaliação do ex-governador, com o cadáver deste ainda insepulto, Walter cunhou expressão definitiva: “ Foi um intelectual que não conviveu com as miudezas da política”. Isso apesar da extraordinária capacidade de gerador de fatos políticos, anotada pelo politólogo Osvaldo Trigueiro do Vale.

De mim, caberia acrescentar que lhe sobrou ânimo para aprofundar-se pelas grandezas da cultura, sendo que de algumas dessas ofereço testemunho.

Quando do lançamento de meu Cristianismo e Diplomacia no Brasil Contemporâneo (1998), Burity firmou tão precisa apresentação que Sindulfo Santiago, a meu lado, interpelou incontinenti: “E agora?” Minha resposta sobreveio de público: “ O autor não tem mais nada a dizer porque nem ele próprio conseguiria a penetração do professor Burity”.

De certa feita, num dos debates do seminário brasileiro de Cultura Brasileira, iniciativa burityzista da qual resultaram quatro excelentes livros, como representante da UFPB acentuasse as crises e contradições do capitalismo, Burity atalhou com remédios recrutados à farmacopéia de Lord Keynes. Ao fazê-lo, procedeu com tanta segurança que o auditório se inclinou para seu lado. Nisso, outra aproximação com Los que Le Llamabamos Dom Manuel (1980) – sabido como Azaña era declaradamente Keynesiano.

Em nossos (des)encontros, sendo eu mais romântico e ele um típico racionalista que, por essa razão sabia ouvir, embora não fosse fácil convencê-lo, aprendi bastante com Tarcísio de Miranda Burity. Essa a razão por que, decidido a homenageá-lo, terminei comungando na missa de corpo presente, na Igreja do Carmo. Tal se verificou porque suas vivência e militância culturais deixaram-nos, como diria Simões Lopes Neto, de “ alma forte e coração sereno”.

## Referências Bibliográficas (pela ordem do texto)

- NOGUEIRA, Octaciano et alii. Brasil, Tempo e Cultura III (História, Ciências Sociais e Realidade Brasileira – Exposições e Debates). João Pessoa: DGC/SEC, 1980.
- FRANCE, Pierre Mèndes. Choisir. Paris: Editora Seuil, 1974 ( o exemplar consultado, pertencente ao ex-vereador Francisco Barreto, acha-se assinado pelo próprio Mèndes).
- CHEVALLIER, Jean Jacques. As Grandes Obras Políticas de Maquiavel aos Nossos Dias. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1959.
- DUVERGER, Maurice. Os Partidos Políticos. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- Debate com Manuel Gaudêncio, Josué Sylvestre e Walter Santos, em programa radiofônico deste, no dia do sepultamento de Burity, a 9 de julho de 2003 João Pessoa, para um pool de emissoras. (Fita magnética com o próprio Walter Santos).
- MELLO, José Octávio de Arruda. “Burity: da cátedra à política, o itinerário do intelectual no poder”. João Pessoa: in A União, de 16 de março de 1987, caderno especial, p. 4/5.
- \_\_\_\_\_ (em parceria com Wellington Aguiar) – “Evolução Econômica, Movimentos Sociais, Populismo e Tecnocracia na Paraíba – 1930-84” in edição especial do Correio da Paraíba de 5 de agosto de 1984, 4º caderno, p.2/3.
- ARAGÓN, Manuel. “Estudio Preliminar” in AZAÑA, Manuel. La Velada em Benicarló – Diálogo de la Guerra de España. Madrid: Editorial Castalia, 19 – 74.p. 43.
- ORWELL, George. Lutando na Espanha – e o ensaio “Recordando a guerra Civil”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, passim.
- QUINTAS, Amaro (org.). Edição especial da revista O Progresso, de Antônio Pedro de Figueiredo. Recife: Arquivo Público de Pernambuco, 1949. Tanto o organizador como o dr. Barbosa me revelaram, pessoalmente, as longas conversas mantidas no Palácio das Princesas para preparo da obra.
- PEREIRA, Nilo. Agamenon Magalhães: Uma Evocação Pessoal. Recife: Taperoá Editora, s/d.
- Entrevista com o historiador paulista José Sebastião Witter sobre o governo Franco Montoro. Curitiba, julho de 1989.
- FERNANDES, Flávio Satyro. História Constitucional da Paraíba. João Pessoa: Banco do Brasil/IV Centenário da Paraíba, 1985. P. 367/73.
- Entrevista: Tarcísio Burity – “A Constituinte resolve” in Veja 639 de 3 de dezembro de 1980, p.3/4, e também a O Estado de São Paulo, S. Paulo, 18 de janeiro de 1981.
- MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1074). 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1977, com texto e fotos situando o sociólogo Hélio Jaguaribe como ideólogo das classes médias brasileiras.

- MELLO, José Octávio de Arruda. "Prefácio" à 2ª ed. de BLONDEL, Jean. As Condições de Vida Política no Estado da Paraíba. João Pessoa: Assembléia Legislativa da Paraíba, 1994, p. X.
- Entrevista com o crítico e cineasta Wills Leal, na década de noventa, sobre a contribuição de Burity à modernização da capital.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. História e Teoria dos Partidos Políticos no Brasil.
- MELLO, José Octávio de Arruda. Da Resistência ao Poder: o (P)MDB na Paraíba (1965/99), mimeo. João Pessoa: GJHR, 2000, passim.
- BURCKHARDT, Jacob. Reflexões sobre a História. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.
- "Espaço Cultural – Uma obra onde o homem e a terra se confundem", como número especial da Revista Paraibana de Educação e Cultura, coordenada por Juca Pontes, nº 2. João Pessoa: DGC/SEC, julho/agosto/setembro de 1981.
- LEAL, Wills. "Festival (de) Areia e/ou Festival (em) Areia" in Areia-Revista do VI Festival de Arte. João Pessoa: DGC/SEC, 1981, p. 4/6.
- Relatório do Reitor Marcos Trindade sobre a administração de 2001, no UNIPÊ, com copidescagem do engenheiro Franciraldo Loureiro, janeiro de 2002.
- "Falecimento de Tarcísio Burity" in Revista do UNIPÊ, vol. VII, nº 2, 20-03, João Pessoa: Editora do UNIPÊ, 2003, p.136/7.
- FOUCAULT, Michell. A microfísica do poder, 3ª ed. S. Paulo, Huicitec, 1989.
- MELLO, José Octávio de Arruda. Sociedade e Poder Político no Nordeste – O caso da Paraíba (1945/1964). João Pessoa: Editora Universitária, 2001, passim.
- HEILBRONER, R. L. – "O mundo enfermo de John Maynard Keynes" in Grandes Economistas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1959, p.224/262.
- CARABIAS, Josefina. Azaña – Los que le llamabamos Don Manuel. Barcelona: Plaza & Janes S.ª Editores, 1980.
- FAORO, Raymundo. "Prefácio à Segunda Edição" de Os Donos do Poder – Formação do patronato Político Brasileiro – 1,3ª ed. Revista Porto Alegre: Editora Globo, 1976, p. XII.